

SEÇÃO VIII

Atividade Econômica

Sumário

Após o desempenho favorável do Produto Interno Bruto (PIB) no primeiro trimestre de 2017, explicado em grande medida pelo excelente resultado da agropecuária, os indicadores relacionados à atividade econômica seguem apresentando melhora, embora num ritmo ainda modesto. Após a queda de 1,6% no primeiro trimestre desse ano, o Indicador Ipea de Formação Bruta de Capital Fixo aponta um crescimento de 0,5% nos investimentos na passagem entre os meses de março e abril. O bom desempenho do consumo aparente de máquinas e equipamentos, que avançou 0,7% nesta mesma base de comparação, também se verificou em outros setores. No mesmo período, o Indicador Ipea de Consumo Aparente de bens industriais avançou 0,6% sobre o mês anterior, na série com ajuste sazonal. Já em relação ao mês de maio, de acordo com o Indicador Ipea de Produção Industrial, a atividade no setor manufatureiro permaneceu estável.

Se por um lado, o cenário ainda deprimido no mercado trabalho impede uma recuperação mais efetiva da atividade na indústria, por outro, a demanda interna registrou nos últimos meses alguns sinais de melhora. Após registrar crescimento de 1,5% no mês de abril, na comparação dessazonalizada, o Indicador Ipea de Comércio prevê novo avanço das vendas no varejo em maio, que teriam crescido 0,6% na margem. Refletindo esse cenário de transição, que vem caracterizando o final de um longo ciclo recessivo, os indicadores de confiança dos agentes vinham exibindo trajetória ascendente desde meados do início de 2016. Os resultados referentes ao mês de junho, no entanto, já mostram algum arrefecimento, explicado pela piora do cenário político e do conseqüente aumento de incerteza no ambiente econômico.

Após ter sido o grande destaque entre os setores produtivos nos primeiros três meses do ano, a agropecuária tende a manter a boa performance no segundo trimestre, devido à safra projetada para este ano. Além disso, espera-se um contágio positivo ao longo de toda a cadeia produtiva associada ao setor, como, por exemplo, transporte, armazenagem e processamento. O aumento na oferta dos grãos também exerce efeito positivo no poder aquisitivo da renda das famílias, por meio do relaxamento nos preços destes bens.

O setor industrial também tem mostrado sinais de que deixou a recessão para trás. O crescimento de 0,9% no PIB, na comparação entre o quarto trimestre de 2016 e o primeiro deste ano, refletiu o bom desempenho já observado na evolução

Leonardo Mello de Carvalho

Técnico de Planejamento e Pesquisa da
Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea

leonardo.carvalho@ipea.gov.br

SEÇÃO ELABORADA COM DADOS DIVULGADOS ATÉ O DIA 27/06/2017

mensal da produção física, medida na Pesquisa Industrial Mensal (PIM-PF). Se por um lado, ainda não é possível identificar uma tendência clara de crescimento, por outro, a produção do setor manufatureiro segue reduzindo seu ritmo de queda nas comparações interanuais, enquanto se mantém estável na trajetória dessazonalizada. Após iniciar o segundo trimestre com avanço de 0,6% no mês de abril, o Indicador Ipea de Produção industrial prevê estabilidade para o mês de maio, na comparação com o período imediatamente anterior. Já na comparação interanual, a previsão é de crescimento, com alta de 2,5% sobre maio de 2016. Trabalhando com um nível de estoques já próximo do planejado, qualquer estímulo proveniente da demanda passa a exercer impacto direto nas quantidades produzidas. Com um mercado doméstico ainda deprimido, alguns setores têm sido afetados positivamente por um aumento de exportações, como é o caso da produção de auto veículos. De forma geral, o Indicador Ipea de Consumo Aparente de bens industriais segue apontando um escoamento líquido da produção interna para o exterior.

Embora o consumo das famílias tenha se mantido baixo no resultado do PIB referente ao primeiro trimestre, os dados provenientes da Pesquisa Mensal de Comércio (PMC) mostram alguma melhora no desempenho das vendas no varejo. O crescimento de 1,5% na passagem entre os meses de março e abril, na série com ajuste sazonal, foi a quinta variação positiva em seis períodos. Em relação ao mês de maio, o Indicador Ipea de Comércio prevê nova alta, com as vendas no varejo avançando 2,5% no conceito restrito e 0,9% no conceito ampliado, ambas na série com ajuste sazonal. Apesar do maior entrave para uma recuperação mais sólida continuar sendo o mercado de trabalho, alguns fatores têm sido coadjuvantes importantes dessa melhora. Se por um lado, o deflator dos bens de consumo tem apresentado desaceleração, por outro, algumas medidas do governo podem ajudar a elevar a demanda interna, como, por exemplo, a liberação de valores referentes às contas inativas do FGTS.

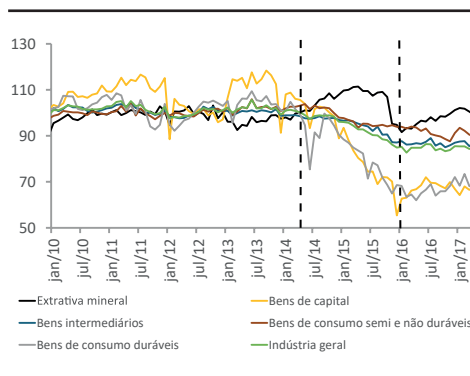
Assim como a demanda por bens de consumo tem apresentado alguns sinais de melhora, a demanda por bens de capital também parece ter saído do fundo do poço, embora sua trajetória continue bastante volátil. Como já foi dito anteriormente, a recessão deixa como um de seus legados mais negativos um elevado grau de ociosidade na indústria manufatureira, fator que tende a retardar uma retomada mais efetiva no setor. De acordo com algumas pesquisas qualitativas, grande parte das intenções de investimentos em 2017 estaria associada apenas à reposição de depreciação, e não propriamente ao aumento de capacidade. Neste contexto, sua trajetória ao longo dos últimos meses segue instável. O Indicador Ipea de Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) aponta alta de 0,6% em abril em relação a março de 2017, na série com ajuste sazonal. Já na comparação com o mesmo mês do ano anterior, o indicador atingiu patamar 7,7% inferior. Como agravante, o fato das decisões sobre novos investimentos serem dependentes dos níveis de expectativas e confiança dos empresários, o aumento recente da incerteza no cenário político coloca mais interrogações sobre a evolução do setor.

1 Produção Industrial



A trajetória exibida pela indústria, de modo geral, tem se mantido estável desde meados do primeiro trimestre de 2016. A evolução dos indicadores segue apresentando alguma volatilidade, não sendo possível detectar sinais claros de crescimento tendencial (gráfico 1). De acordo com os últimos dados divulgados na Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física (PIM-PF) do IBGE, a indústria avançou 0,6% na passagem entre os meses de março e abril, na série livre de influências sazonais. Este resultado deixa um carry-over de -0,3% para o resultado do segundo trimestre.

GRÁFICO 1
Produção industrial: PIM-PF (jan./2010-abr./2017)
(Séries dessazonalizadas)



Fonte: IBGE
Elaboração: Ipea/Dimac/Gecon.

Em relação ao desempenho no mês de maio, o comportamento apresentado por alguns de seus indicadores coincidentes mostrou-se heterogêneo, indicando estabilidade no período. A produção de automóveis, de acordo com a Anfavea (Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores), registrou expansão em maio, avançando 8,3% em relação a abril, na série com ajuste sazonal. Já o volume de tráfego de carga em estradas com pedágio também cresceu, com alta de 2,7%, segundo a Associação Brasileira de Captadores de Recursos (ABCR). Por sua vez, a Associação Brasileira do Papelão Ondulado (ABPO) indica que a venda de papel e papelão também avançou, subindo 3,1% ante o mês de abril. De outra parte, enquanto a produção de aço recuou 1,2% na margem, o volume importado de bens intermediários sofreu queda de 6,6% na mesma base de comparação. Com isso, o Indicador Ipea de Produção Industrial estima crescimento nulo em maio, na série dessazonalizada. Já na comparação com o mesmo mês do ano anterior, a alta teria sido de 2,5% (tabela 1).

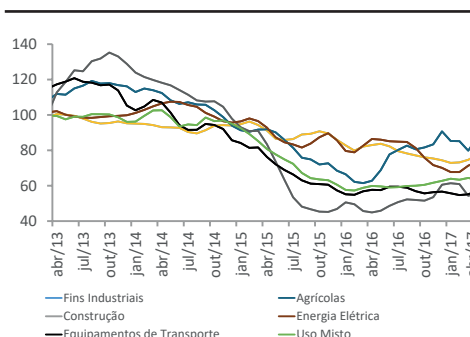
TABELA 1
Indicador Ipea de Produção Industrial e indicadores coincidentes: evolução das taxas de crescimento (Variação em %)

	Mês/Mês anterior dessazonalizado ¹			Mês/Igual Mês do ano anterior			Acumulado	
	Mar16	Abr17	Mai17	Mar16	Abr17	Mai17	no ano	Em 12 Meses
Fluxo de Veículos Pesados	-0,5	-0,8	2,7	-0,7	-8,3	4,0	-2,4	-4,9
Vendas de Papelão	0,9	-2,7	3,1	6,9	-4,3	5,8	3,3	0,2
Veículos	-7,7	-1,5	8,3	18,4	10,5	33,8	23,4	8,5
Importação de Intermediários	-2,0	1,6	-6,6	14,7	2,4	1,4	13,1	7,1
Aço	2,0	2,3	-1,2	13,6	25,8	13,2	14,2	4,2
Indicador de Confiança da Indústria	3,3	0,6	1,2	17,6	16,9	16,0	16,5	15,4
Nível Utilização de Capacidade	0,1	0,3	0,0	0,7	0,2	0,9	0,6	-0,5
Estoques	-1,9	-0,2	0,5	-7,9	-5,7	-4,3	-6,8	-10,5
Indicador IPEA	-1,3	0,6	0,0	1,3	-4,5	2,5	0,0	-2,8

¹Isazonalmente ajustado por método X-13-ARIMA.
Fonte: ABCR, ABPO, Anfavea, FUNCEX, AçoBrasil, IBRE.
Elaboração: Ipea/Dimac/Gecon.

A produção de bens de capital também registrou avanço no mês de abril, com alta de 1,5% sobre o período anterior. Com isso, o trimestre terminado em abril exibiu crescimento de 0,5% na margem. Com base numa desagregação setorial, divulgada pelo IBGE, é possível verificar que a demanda por bens de capital tem apresentado melhor desempenho no setor agrícola, movimento que teve início desde meados do primeiro trimestre de 2016. Já a demanda nos setores voltados para fins industriais tem sido mais modesta, mostrando alguns sinais de melhora nos primeiros meses de 2017. De outro modo, particularmente afetado por uma elevada capacidade ociosa, o setor de equipamentos de transporte segue apresentando um fraco desempenho (ver gráfico 2).

GRÁFICO 2
PIM-PF: demanda setorial por bens de capital (abr./2013-abr./2017)
(Séries dessazonalizadas)



Fonte: IBGE.
Elaboração: Ipea/Dimac/Gecon.

Em relação ao início do segundo trimestre, o Indicador Ipea de Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) aponta alta de 0,6% em abril, na série com ajuste sazonal. Já na comparação com o mesmo mês do ano anterior, o indicador atingiu patamar 7,7% inferior. No acumulado do ano, a queda chegou a 4,7%, enquanto a variação em doze meses passou de uma redução de 6,7% até o mês de março para uma de 6,0% até abril.

O crescimento entre os meses de abril e março refletiu o bom desempenho do consumo aparente de máquinas e equipamentos (Came), que avançou 0,7% na margem. Já o indicador de construção civil recuou 0,2% em abril, resultado que sucedeu queda de 3,6% no período anterior. O contraste entre os desempenhos dos investimentos em máquinas e equipamentos e em construção civil fica ainda mais claro na comparação interanual: enquanto o Came caiu 6,0% sobre o mês de abril de 2016, a construção registrou queda de 8,9%.

Entre os componentes do Came, a produção doméstica de bens de capital avançou 1,1% em abril, explicando grande parte do bom resultado na comparação dessazonalizada. O comportamento das variáveis de comércio exterior também contribuiu positivamente. Embora o volume de exportações de bens de capital tenha crescido 8,1% sobre o mês de março, este resultado foi mais que compensado pelo aumento de 3,1% das importações, dado que seu peso no cálculo do Came é superior.

O bom desempenho do Came também se verificou em outros setores da indústria. O indicador Ipea de consumo aparente (CA) da indústria registrou alta de 0,5% na comparação entre abril e março, na série com ajuste sazonal (tabela 2). Já na com-

paração com abril de 2016, a queda de 4,7% interrompeu sequência de quatro meses de alta. Por sua vez, pelo nono período consecutivo, a variação acumulada em 12 meses desacelerou seu ritmo de queda, passando de -4,6% para -4,2%. Quando comparado à produção doméstica, medida pela Pesquisa Industrial Mensal de Produção Física (PIM-PF), cuja taxa ficou em -3,6%, este resultado voltou a indicar um escoamento líquido para o setor externo. Nessa mesma base de comparação, enquanto o volume importado de bens industriais diminuiu 0,3%, as exportações acumularam alta de 2,2% nos 12 meses terminados em abril de 2017. A melhora gradual observada no desempenho das importações corrobora um cenário mais benigno para a produção industrial.

TABELA 2
Consumo aparente de bens industriais: evolução das taxas de crescimento
(Variação em %)

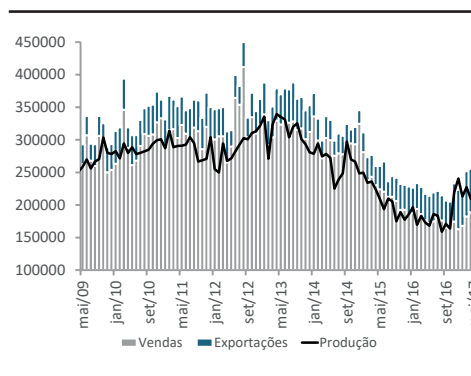
	Contra Período Anterior Dessazonalizado				Contra Igual Período do Ano Anterior				Acumulado	
	Fev/17	Mar/17	Abr/17	TRIM ¹	Fev/17	Mar/17	Abr/17	TRIM ¹	Ano	12 Meses
Indústria										
Geral	1,0	-2,3	0,5	1,1	0,2	2,7	-4,7	-0,6	0,2	-4,2
Extrativa Mineral	-9,1	13,3	4,4	-9,4	-20,6	-5,9	-1,5	-9,4	-8,0	-11,5
Transformação	2,1	-3,1	-0,2	1,3	0,7	2,2	-6,4	-1,2	-0,5	-4,6
Categorias de Uso										
Capital	6,6	-3,4	0,7	3,1	3,4	1,4	-6,0	-0,4	-2,2	-5,9
Intermediários	-1,1	-1,0	0,2	-0,7	-0,5	2,7	-3,5	-0,4	0,9	-2,9
Consumo	3,1	-4,9	-1,9	-0,5	-0,5	1,7	-10,0	-3,0	-2,1	-5,0
Duráveis	2,6	-5,9	-0,1	-1,1	7,4	1,8	-5,4	1,0	1,9	-8,2
Semi e Não-Duráveis	2,4	-3,7	-2,6	-1,1	-3,2	0,8	-11,4	-4,6	-3,8	-4,2

Fontes: IBGE e FUNCEX.
Elaboração: Ipea/Dimac/Gecon.

Considerando-se o consumo aparente por grandes categorias econômicas, a comparação entre os meses de abril e março, na série dessazonalizada, mostrou um desempenho heterogêneo. Os destaques positivos ficaram por conta das categorias bens de capital e bens intermediários, que avançaram 0,7% e 0,2% na margem, respectivamente. Já o setor de bens de consumo semi e não duráveis registrou queda de 2,6% na margem. Na comparação contra o mesmo período do ano anterior, a queda foi generalizada, com destaque negativo para os bens de consumo, com retração de 10% sobre abril de 2016.

Entre as atividades, vale destacar o desempenho do setor veículos automotores, reboques e carrocerias. A despeito da demanda interna por bens de consumo duráveis seguir contraída, o desempenho do setor vem apresentando melhora desde o último trimestre do ano passado (gráfico 3). Com base nos dados divulgados pela Anfavea, a produção total de veículos acumulou entre os meses de janeiro e maio de 2017 crescimento de 23,4% sobre o mesmo período do ano passado. Num cenário com estoques próximos ao planejado, parte desse

GRÁFICO 3
Setor automobilístico (mai./2009-mai./2017)
(Séries dessazonalizadas)

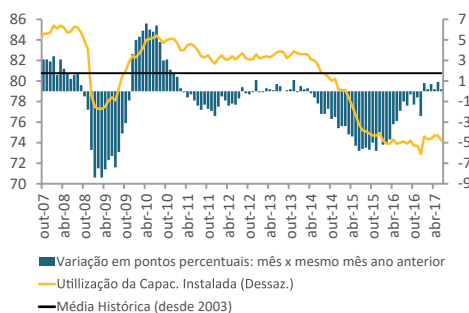


Fonte: FGV
Elaboração: Ipea/Dimac/Gecon.

alta tem sido explicada pela demanda externa, traduzida numa expansão de 61,8% na quantidade de unidades exportadas, na mesma base de comparação. Embora de maneira mais modesta, as informações sobre o total de veículos licenciados também indicam variação positiva nas vendas internas, com alta de 1,6% até o mês de maio.

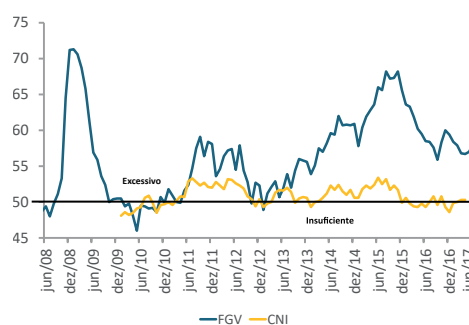
Em relação ao uso dos fatores de produção, de acordo com a pesquisa *Sondagem conjuntural da indústria de transformação*, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), o nível de utilização de capacidade instalada (Nuci) do setor manufatureiro continua refletindo os efeitos da recessão. Após registrar forte crescimento em janeiro, o indicador tem mantido certa estabilidade no comparativo livre de efeitos sazonais. O dado referente a junho, no entanto, aponta queda de 0,5 (p.p.) na margem, com o indicador atingindo o patamar de 74,2 pontos na série dessazonalizada. Mesmo que o pior da crise já tenha sido superado, o NUCI encontra-se num patamar 6,6 pontos percentuais (p.p.) abaixo da média histórica da série (gráfico 4).

GRÁFICO 4
Nuci (set./2007-jun./2017)
(Índices dessazonalizados)



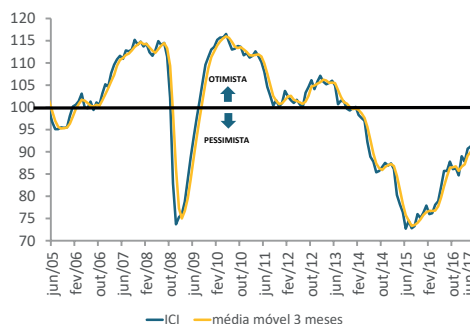
Se por um lado, o elevado grau de ociosidade na indústria pode retardar a recuperação dos investimentos, por outro, a mesma pesquisa revela que não existe mais um acúmulo indesejado de estoques, o que tende a ser um fator positivo para a recuperação da produção. Embora a Pesquisa Contas Nacionais Trimestrais tenha sugerido uma importante contribuição positiva do componente variação de estoques no resultado do PIB no primeiro trimestre de 2017, vale chamar a atenção para o fato de que grande parte deste acúmulo deve estar associado ao excelente desempenho da safra agrícola, cujo processo de armazenamento faz parte do ciclo produtivo na lavoura. Sendo assim, no que diz respeito à indústria de transformação, após um pequeno crescimento verificado nos meses de outubro e novembro do ano passado, o indicador retornou para um patamar mais próximo aquele considerado como planejado (gráfico 5). O mesmo cenário pode ser visto na Pesquisa Sondagem Industrial da Confederação Nacional da Indústria (CNI), segundo a qual o setor manufatureiro também já estaria com o nível de estoques desejado.

GRÁFICO 5
Evolução do nível de estoques na indústria de transformação – efetivo versus planejado- (jun./2008-jun./2017)



A melhora nas perspectivas em relação à atividade industrial vinha se refletindo na recuperação dos níveis de confiança dos empresários. O agravamento na esfera política, no entanto, já parece ter influenciado negativamente no resultado referente ao mês de junho. Ainda com base na Sondagem conjuntural da indústria de transformação, o Índice de Confiança da Indústria (ICI), embora ainda acumule um ganho de 17,3% entre os meses de junho de 2017 e dezembro de 2015, registrou queda de 3,0% sobre o mês de maio, na série sem efeitos sazonais (gráfico 6). A piora nos níveis de confiança em junho se verificou em seus dois principais componentes: os indicadores de Situação Atual (ISA) e de Expectativas (IE)¹, que apresentaram quedas de 2,2% e 3,8% no mesmo período, respectivamente. Com o aumento da incerteza no ambiente econômico, é possível que a confiança dos empresários sofra uma reversão, principalmente no tocante às decisões por novos investimentos.

GRÁFICO 6
ICI (jun./2005-jun./2017)
(Índice dessazonalizado)

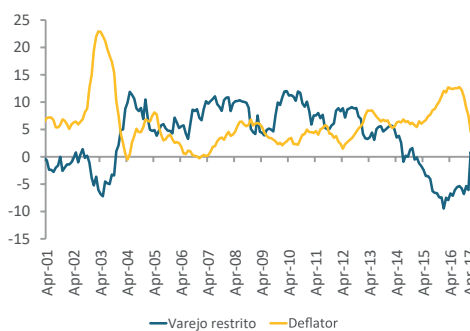


Fonte: FGV
Elaboração: Ipea/Dimac/Gecon

2 Comércio

Ainda que os níveis de ocupação no mercado de trabalho permaneçam deprimidos, alguns fatores podem estimular o comércio ao longo dos próximos meses. O primeiro deles diz respeito à perda de fôlego da inflação que, juntamente com o aumento de oferta de produtos agrícolas, deve aumentar o poder de compra das famílias (gráfico 7). Além disso, a liberação dos recursos provenientes das contas inativas do FGTS pode exercer algum impulso de demanda e a massa salarial, apesar do elevado nível de desemprego, já apresenta variação positiva. Após o crescimento registrado em abril, segundo apontou a Pesquisa Mensal de Comércio (PMC), do IBGE, os resultados já divulgados para alguns indicadores coincidentes sugerem que o comércio varejista manteve o bom desempenho no mês de maio. Segundo o Indicador Serasa Experian de atividade do comércio, o setor avançou 0,6% na comparação ante o mês anterior, na série ajustada sazonalmente. Por sua vez, os

GRÁFICO 7
Vendas no varejo x deflator (abr./2001-abr./2017)
(Variação contra o mesmo período do ano anterior, em %)



Fonte: FGV
Elaboração: Ipea/Dimac/Gecon

¹ O Indicador de Confiança da Indústria (ICI) é calculado com a soma ponderada do Indicador de Situação Atual (IAS) e do Indicador de Expectativas (IE).

dados divulgados pela Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabrave) mostraram forte crescimento nas vendas do setor automotivo (autos e comerciais leves) no mesmo mês, com alta de 12,9%. Com isso, o Indicador Ipea de Comércio prevê crescimento de 2,5% para as vendas no conceito restrito e de 0,6% no conceito ampliado, ambas na comparação com o mês anterior. Já na comparação com maio de 2016, as altas previstas são de 7,0% e 2,5%, respectivamente (tabela 3).

TABELA 3
Indicador Ipea de Comércio e indicadores coincidentes: evolução das taxas de crescimento (Variação em %)

	Mês/Mês anterior dessazonalizado ¹			Mês/Igual Mês do ano anterior			Acumulado	
	Mar17	Abr17	Mai17	Mar17	Abr17	Mai17	no ano	12 meses
Índice de Confiança do Consumidor	4,3	-3,6	2,4	25,1	26,6	19,6	21,0	17,8
Indicador de Atividade do Comércio Serasa Experian	0,6	-0,2	0,6	-1,9	-0,2	-0,1	-1,8	-3,8
Índice de Volume de Vendas Supermercados	0,8	-0,5	2,2	-4,5	0,8	1,6	3,6	3,6
Emplacamentos Autos + Comerciais Leves	5,5	-4,5	12,9	6,1	-3,3	17,2	2,2	-8,8
Índice de Volume de Vendas Materiais de Construção	-2,2	0,9	-0,7	-13,1	-16,0	-13,3	-13,6	-8,4
Indicador Ipea PMC (varejo restrito)	-1,2	1,0	2,5	-3,2	2,0	7,0	0,2	-3,3
Indicador Ipea PMC (varejo ampliado)	-0,8	1,5	0,6	-1,9	-0,4	2,5	-0,9	-4,9

¹ sazonalmente ajustado por método X-13-ARIMA.
Fonte: ABCR, ABPO, Anfavea, FUNCEX, AçoBrasil, IBRE.
Elaboração: Ipea/Dimac/Gecon.

Conquanto o consumo das famílias tenha registrado a nona retração consecutiva no primeiro trimestre de 2017, tendo por base a comparação com o período imediatamente anterior, as informações já divulgadas pela PMC apontam para um desempenho mais favorável das vendas no varejo. De acordo com a pesquisa, após encerrar o primeiro trimestre desse ano com alta de 3,8% sobre o quarto trimestre de 2016, na série livre de influências sazonais, as vendas reais no varejo restrito avançaram 1,5% na passagem entre os meses de março e abril (tabela 4). Entre os oito setores que compõem o varejo restrito, quatro registraram avanço na margem, com destaque para os segmentos: equipamentos e materiais para escritório; informática e comunicação; e hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo, com altas de 10,2% e 0,9%, respectivamente. Em relação ao mesmo período do ano anterior, após completar dois anos de queda ininterrupta, o volume de vendas no varejo restrito cresceu 2% em abril. Novamente, o segmento hipermercados e supermercados foi o que mais contribuiu, adicionando 1,5 (p.p.) à taxa mensal. Com isso, o ritmo de queda na comparação acumulada em 12 meses voltou a cair, passando de 5,2% para 4,6%.

TABELA 4
Vendas no varejo: evolução das taxas de crescimento (Variação em %)

	Mês/Mês anterior dessazonalizado				Mês/Igual Mês do ano anterior				Acumulado	
	Fev17	Mar17	Abr17	TRI ³	Fev17	Mar17	Abr17	TRI	no ano	Em 12 Meses
Comércio varejista restrito ¹	-0,4	-1,2	1,0	2,0	-3,7	-3,2	2,0	-1,7	-1,5	-4,6
Comércio varejista ampliado ²	0,2	-0,8	1,5	2,3	-4,8	-1,9	-0,4	-2,3	-1,7	-6,3
1. Combustíveis e lubrificantes	0,6	1,2	-0,8	0,8	-8,6	-2,3	-4,2	-5,0	-5,2	-7,8
2. Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	-1,7	-4,3	0,9	-0,2	-0,7	-7,0	3,5	-1,5	-1,0	-2,4
2.1 Hipermercados e supermercados	-1,9	-5,6	2,0	-0,2	-0,2	-8,0	4,1	-1,5	-0,9	-2,3
3. Tecidos, vestuário e calçados	1,2	-0,6	3,5	11,0	3,6	11,6	10,9	8,9	6,3	-5,9
4. Móveis e eletrodomésticos	2,0	6,5	-2,8	6,3	-6,0	10,5	-0,1	1,6	2,2	-7,0
5. Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	1,2	-0,7	-0,4	1,7	-5,1	-1,7	-3,2	-3,3	-3,0	-3,5
6. Livros, jornais, revistas e papelaria	1,4	4,8	-4,1	4,4	-7,0	5,2	-3,1	-2,1	-4,8	-12,2
7. Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	-2,1	2,2	10,2	-0,9	-14,0	-12,3	4,5	-8,0	-7,7	-9,4
8. Outros artigos de uso pessoal e doméstico	-1,6	1,5	0,1	-2,3	-7,7	-5,3	3,5	-3,1	-3,1	-6,7
9. Veículos, motos, partes e peças	-0,6	0,6	-0,3	0,9	-15,1	-5,0	-12,0	-10,4	-8,7	-12,6
10. Materiais de construção	-1,8	2,7	-1,9	1,1	-1,9	9,6	-1,3	2,3	2,9	-5,2

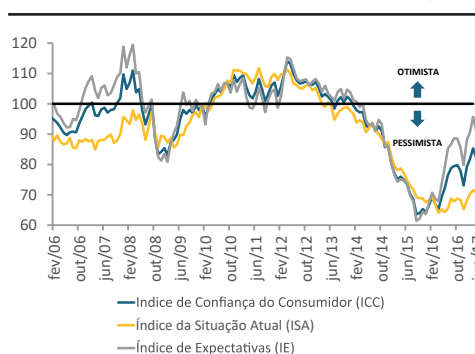
¹ O indicador do comércio varejista (restrito) é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 8.
² O indicador do comércio varejista ampliado é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 10.
³ Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.
Fonte: IBGE/PMC.
Elaboração: Ipea/Dimac/Gecon

Este desempenho um pouco mais benigno do comércio verificado ao longo do primeiro quadrimestre de 2017, também ocorreu no conceito varejo ampliado. Após um crescimento marginal de 3,3% no primeiro trimestre do ano, as vendas voltaram a subir em abril, registrando alta de 1,5% na comparação dessazonalizada. Esse resultado ocorreu apesar dos recuos verificados nas vendas de materiais de construção e veículos, e deixa um carry-over de 1,1% para o segundo trimestre.

Na comparação interanual, as vendas no varejo ampliado recuaram 0,4% frente a abril de 2016. A contribuição do grupo veículos, motos, partes e peças voltou a ser a mais negativa. A queda de 8,7% foi responsável pela subtração de 2,5 p.p. na taxa interanual. Por sua vez, a venda de materiais de construção também caiu, ficando 1,3% abaixo do patamar observado no mesmo período do ano passado. Por fim, na variação acumulada em 12 meses, a queda do varejo ampliado passou de 7% para 6,3%.

Assim como ocorreu com os empresários da indústria, os níveis de confiança das famílias sofreram recuo no mês de junho, já refletindo a piora no cenário político. De acordo com a pesquisa Sondagem do Consumidor, da FGV, o Índice de Confiança do Consumidor (ICC), que vinha mantendo trajetória ascendente desde o terceiro trimestre de 2015, caiu 2,3% na passagem entre os meses de maio e junho, na série dessazonalizada (gráfico 8). Ainda assim, grande parte do aumento de confiança das famílias continua sendo explicada pela melhora nas expectativas, enquanto a percepção em relação à situação presente registra crescimento ainda bastante modesto.

GRÁFICO 8
ICC e componentes – fev./2006-jun./2017
 (Índices dessazonalizados, setembro de 2005 = 100)

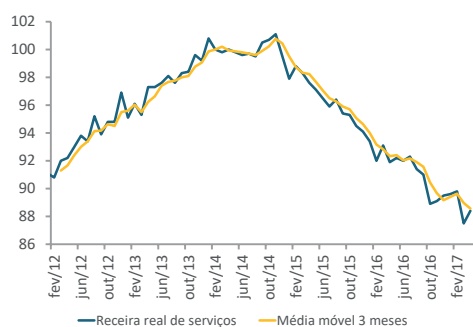


Fonte: FGV
 Elaboração: Ipea/Dimac/Gecon

3 Serviços

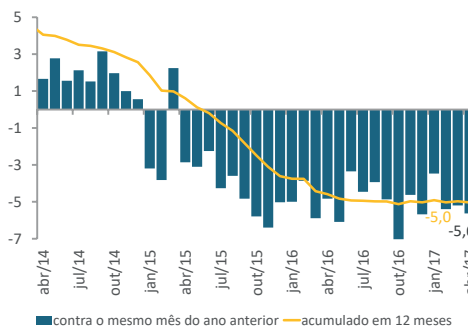
Entre os setores produtivos, os serviços continuam apresentando os piores resultados. Embora a Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), do IBGE, tenha apontado crescimento de 1,0% em abril, a trajetória verificada na série com ajuste sazonal segue apresentando tendência decrescente (ver gráfico 9). Nas comparações interanuais, também é possível verificar a resiliência da recessão no setor. Contra o mesmo período do ano anterior, a pesquisa indicou a 27ª variação negativa em 28 meses, com o volume de serviços recuando 5,6% sobre abril de 2016. Com isso, o ritmo de queda no acumulado em 12 meses permanece estável em torno de -5,0% a, pelo menos, um ano (gráfico 10).

GRÁFICO 9
Serviços (PMS): receita real de serviços e média móvel de 3 meses
 (Índices dessazonalizados)



Fonte: IBGE
 Elaboração: Ipea/Dimac/Gecon

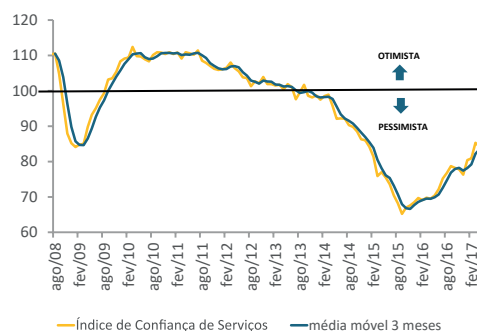
GRÁFICO 10
Serviços (PMS): evolução das taxas de crescimento mensal e acumulado em 12 meses
 (Em %)



Fonte: IBGE
 Elaboração: Ipea/Dimac/Gecon

Ainda que o setor ainda esteja em níveis ruins, o comportamento do Índice de Confiança de Serviços (ICS) da FGV continua indicando melhora na percepção dos empresários. Na passagem entre os meses de abril e maio, o indicador voltou a avançar, registrando alta de 0,6% na comparação livre de influências sazonais (gráfico 11). No acumulado do ano até o mês de maio, o nível de confiança no setor aumentou 19,2% quando comparado ao mesmo período de 2016. Se uma parte significativa dessa melhora continua sendo explicada pelo Indicador de Expectativas (IE-S), que acumulou alta de 27,2%, o Indicador de Situação Atual (ISA-S) também tem exibido recuperação (10,2%). Contrastando com essa melhora, o índice de atividade dos gerentes de compra (PMI, na sigla em inglês) referente ao setor de serviços caiu de 50,3 para 49,2 pontos em maio, entrando na zona que indica contração do nível de atividade.

GRÁFICO 11
ICI (jun./2005-jun./2017)
 (Índice dessazonalizado)



Fonte: FGV
 Elaboração: Ipea/Dimac/Gecon



Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac)

José Ronaldo de Castro Souza Júnior – Diretor
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti – Diretor Adjunto



Grupo de Conjuntura

Equipe Técnica:

Christian Vonbun
Estêvão Kopschitz Xavier Bastos
Francisco Eduardo de Luna e Almeida Santos
Leonardo Mello de Carvalho
Marco Aurélio Alves de Mendonça
Marcelo Nonnenberg
Maria Andréia Parente Lameiras
Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa
Paulo Mansur Levy
Vinicius dos Santos Cerqueira
Sandro Sacchet de Carvalho

Equipe de Assistentes:

Augusto Lopes dos Santos Borges
Beatriz Cordeiro Araújo
Felipe dos Santos Martins
Luciana Pacheco Trindade Lacerda

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.